

A cronologia de um projecto fáustico: uma nova edição de *Fausto*, de Fernando Pessoa

Rui Sousa*

PESSOA, Fernando (2018). *Fausto*. Edição de Carlos Pittella; com a colaboração de Filipa de Freitas. Lisboa: Tinta-da-china (coleção «Pessoa», coordenação de Jerónimo Pizarro), 576 p. [ISBN: 978-989-671-423-9].

O mito de Fausto tem merecido, desde as suas primeiras configurações, em meados do século XVI, abordagens muito diversas, constituindo, na expressão de Ian Watt, um dos mais recorrentes mitos do individualismo moderno (ver: *Myths of Modern Individualism: Faust, Don Quixote, Don Juan, Robinson Crusoe*, 1996). Com efeito, o mito de Fausto – como também lembra Watt – surge como uma das grandes criações mitológicas exclusivamente modernas, num tempo de transição cultural no qual a consciência mítica do Ocidente contribuiu tanto para a redescoberta e reatualização dos grandes paradigmas do imaginário da Antiguidade Clássica como para a emergência de um ambiente cultural marcado pela incerteza e pela necessidade de projectar na transição epistemológica dela derivada uma nova compreensão das interacções entre o ser humano e o conhecimento.

Central na economia interna da cultura europeia, portanto, não surpreende que Fernando Pessoa, omnívoro leitor e assíduo crítico cultural, se tenha empenhado em ombrear com os grandes cultores do mito, nomeadamente o seu mais emblemático intérprete, Goethe, e sobretudo em reconduzi-lo ao seu universo criador, marcado em todas as suas vertentes pelo peso de uma singular compreensão da dúvida e dos seus impactos na leitura do percurso cultural humano como uma complexa teia de ficções em devir. Este interesse de Pessoa pelo Fausto, e assim como as complexidades motivadas pelos recorrentes problemas editoriais suscitados pela sua obra, entre a ambição desmedida dos projectos e a aparente incompletude dos resultados, mereceu a atenção de alguns dos mais relevantes hermeneutas da galáxia pessoana.

Salientam-se, entre outros contributos editoriais, as distintas propostas de arrumação defendidas pelos anteriores editores do *Fausto* pessoano, Eduardo Freitas da Costa (1952), Duílio Colombini (1986) e Teresa Sobral Cunha (1988), a que Carlos Pittella vem fazer com esta edição crítica (a primeira deste corpus nos estudos pessoanos) a devida homenagem mas também o indispensável esforço de situação crítica, também através dos importantes estudos publicados na *Pessoa Plural* paralelamente ao rigoroso labor de preparação deste volume; as abordagens de Eduardo Lourenço, para quem este monumento de “impotência pura” (p. 139)

* Universidade de Lisboa / CLEPUL.

correspondia também a um singular contributo para a poesia universal (*Pessoa Revisitado*, 1973), e de Manuel Gusmão, cuja visão deste *Fausto* como um genial emblema dos desafios oferecidos pela obra de Pessoa e, por isso mesmo, como um “poema impossível” continua a ser uma chave de leitura fundamental (*O Poema Impossível. O “Fausto” de Fernando Pessoa*, 1986); finalmente, para nos atermos a um exemplo maior da generosa recepção crítica da edição de Carlos Pittella, deve mencionar-se ainda o informado panorama de João Barrento, que, numa recensão desta edição publicada na *Colóquio Letras* n.º 202 (Setembro de 2019, pp. 260-263), salienta com incedível rigor o percurso crítico do mito e dos seus cultores essenciais.



Fig. 1. Capa da nova edição, com arte de Vera Tavares

A edição crítica do *Fausto* rigorosamente levada a cabo por Carlos Pittella contribui, em primeiro lugar, e acima de todos os outros méritos que poderiam também salientar-se, e que ainda mencionaremos, para o aprofundamento da leitura e compreensão da obra de Pessoa como um todo. E por dois motivos fundamentais, devedores da original e justificada opção por uma arrumação dos textos de acordo com aproximações ao percurso cronológico da elaboração das diferentes peças que constituem (ou poderiam vir a constituir) o projecto pessoano, rigorosamente justificadas pela aturada descrição da materialidade documental.

Em primeiro lugar, esta opção permite perceber em que medida nestes fragmentos se encontram já, com um rigor expositivo e mesmo uma significativa agudeza crítica, os mais proeminentes veios poéticos desenvolvidos por Pessoa nas décadas seguintes, dando novos contributos para o clássico debate entre a unidade e a diversidade temática de um todo que gira em torno de premissas, teses e inquéritos fundamentais, a que voltaremos.

Em segundo lugar, uma análise das diversas etapas daquele que é um dos mais constantes projectos empreendidos por Pessoa, situado entre 1908 e 1933, permitirá, entre outras coisas, o confronto com outros grandes núcleos da obra pessoana, que antecipa e acompanha, como o universo heteronímico, com raízes concretas desde a primeira metade da década de 10 e prolongando-se até ao fim da vida do autor, ou o *Livro do Desassossego*, vivo na mente do poeta durante o mesmo período em que o Fausto é idealizado e retomado.

Dito isto, salientemos os grandes méritos desta edição do *Fausto*. Importa, desde logo, sublinhar que em grande medida Carlos Pittella fez com este rigoroso e complexo trabalho de transcrição, arrumação, confronto editorial e tradução dos originais ingleses uma espécie de livro duplo.

Por um lado, e sem com isso se beliscarem os méritos inegáveis das anteriores propostas, esta edição transporta a recepção do empreendimento pessoano para outros patamares, correspondendo, de resto, às ânsias dos anteriores editores, pois tanto Colombini como Sobral Cunha atentaram nas virtudes de uma organização cronológica dos fragmentos e o primeiro chegou a descrever como essa edição poderia definir-se graficamente – algo que Pittella concretiza com a fascinante apresentação dos originais pessoanos a abrir cada uma das secções definidas como etapas do percurso de escrita, entre 1908 e 1933.

Por outro lado, o objecto de que o leitor pode usufruir é bem mais do que uma edição crítica do *Fausto*, com critérios definitivos com clareza cristalina, um aparato genético exaustivo e que serve de modelo mesmo para pesquisadores experimentados no confronto com o espólio pessoano e a proposta de uma série de correcções a anteriores leituras do texto, além da já mencionada beleza gráfica. Trata-se também de um estudo cujo alcance deve desde já situar-se entre os mais notáveis no quadro de uma ainda algo escassa produção bibliográfica em torno de *Fausto*. Clarifiquemos esta observação. Começando com um texto de apresentação que coloca à partida uma série de questões distintas, todas elas importantes para qualquer estudo da obra – questões que remetem para a figura arquetípica do protagonista, para a pertinência da dedicação de Pessoa a um assunto tratado por notáveis como Goethe, para as condições de leitura de uma obra com estas características e ambiguidades e para a própria edição no horizonte desses vários ângulos –, Carlos Pittella brinda o leitor com os mais diversos materiais de aprofundamento da experiência de leitura, verdadeiros convites à investigação futura, só por si merecedores de aplauso.

Considerados como componentes do “Aparato Crítico”, estes contributos são muito mais do que isso. Em primeiro lugar, exemplificando perfeitamente o misto de rigor científico e de inteligência crítica que preside a todo o labor empreendido, Pittella dedica páginas singulares à exposição das diversas cotas com as quais o conjunto foi classificado ao longo de décadas de tratamento do espólio, conjugando informações nunca antes disponibilizadas com conjecturas identificadas como tal, mas que o leitor acompanha com facilidade. Esse confronto com as classificações dos documentos prolonga-se depois a um comentário crítico das anteriores edições.

Segue-se aquele que é, na esteira das edições de *Livro do Desassocego* (da INCM, de Jerónimo Pizarro) e de *Poemas de Fernando Pessoa – 1934-1935* (da INCM, de Luís Prista), o mais extenso e completo exercício de descrição dos diversos suportes materiais nos quais Pessoa foi dispersando os fragmentos de um dos seus múltiplos trabalhos inacabados e potencialmente inacabáveis. Qualquer futuro editor crítico de Pessoa terá, necessariamente, de confrontar as suas propostas de classificação dos documentos a partir deste exercício de Carlos Pittella, não apenas para a descrição de cada tipo de papel e para um mais apurado confronto com as marcas d’água e outras peculiaridades perfeitamente identificadas, mas também para a interligação entre esses aspectos e a datação para que os testemunhos materiais permitem reconduzir os textos nele fixados.

As tabelas subsequentes permitem, de várias formas, uma aproximação em papel ao que começa a ser equacionado como um novo avatar da recepção da obra de Pessoa junto do leitor contemporâneo, a disponibilidade oferecida pelas edições digitais para infinitas rearrumações dos textos por parte do leitor. São disponibilizadas cronologias de índices e de atribuições (o leitor pode, assim, familiarizar-se com os problemas relacionados com diversas variantes de uma atribuição explícita ou com os problemas resultantes da atribuição de um texto a mais que um autor ou projecto potencial, existente ou apenas idealizado em listas) e, finalmente, uma série de tabelas cujo propósito é fornecer ao leitor alternativas de organização dos documentos, com base nas diversas cotas e nas propostas dos anteriores editores do *Fausto*. Além de um trabalho bibliográfico notável, este contributo é também uma demonstração de respeito pelo labor dos críticos e leitores que concorreram para iluminar as opções tomadas nesta nova visita ao espólio pessoano, mas que não esgotam o que com ele pode continuar a fazer-se.

Uma palavra ainda para uma outra importante ferramenta oferecida por esta obra a futuras investigações. A arrumação cronológica permite, mais do que nunca, confirmar uma das grandes chaves de leitura do *Fausto* pessoano, a que Manuel Gusmão deu a mais profunda e informada concretização: podendo ser lida em confronto com a tradição das reactualizações do mito de Fausto, com a sua projecção em diversos momentos históricos e com as modalizações que cada novo momento imprime aos tópicos centrais da aventura fáustica, esta componente da

Obra de Pessoa ganha sobretudo em ser integrada no conjunto mais vasto de um universo criador pleno de intertextualidades internas e externas.

Mais do que dizer-se que em Fausto se encontram em botão os mais recorrentes temas e problemáticas da poética pessoana, condição necessária a um autor que, como sublinha Gusmão, procurou criar as condições críticas para a recepção dos poemas ao mesmo tempo que os foi delineando e colocando em interacção, parece-nos fundamental notar que muitos destes textos dialogam com alguns dos mais elaborados poemas dos heterónimos pessoanos, dando contornos precisos a alguns dos mais obsessivos motivos da poética pessoana, parecendo ecoar poemas do ortónimo, de Campos ou de Caeiro, entre outros, ou podendo, não fossem as atribuições ao corpus do *Fausto*, constituir poemas autónomos ao nível de outros publicados em vida. Apenas alguns exemplos de cada uma destas hipóteses, que convidamos o leitor a conferir e a aprofundar em futuros estudos comparativos.

No *Fausto* encontram-se, por exemplo, algumas descrições perfeitas do que poderia, em 1908-1909, constituir uma introdução ao Sensacionismo, corrente definida com outra propriedade a partir de meados da década de 10. Veja-se, por exemplo, o texto 32, no qual podem ler-se os seguintes versos: “Quero hoje apenas | Sensações, muitas, muitas sensações, | De tudo, de todos n’este mundo – humanas | Não outras de delírios pantheistas | Mas sim perpetuos choques de prazer, | Mudando sempre a personalidade | Para synthetisal-as n’um sentir” (p. 97). Outros textos aprofundam de modo muito significativo o contínuo debate de Pessoa acerca da ficcionalidade inerente às mais diversas correntes religiosas, apontando para um motivo tão caro a Pessoa, o de uma espécie de mundo convertido em sucessão de matrioskas. No texto 80, por exemplo, fazendo a ponte entre o mundo mítico criado pelo imaginário humano e o mistério que o envolve e excede, pode ler-se: “O nosso mundo é real e o Deus que tem | - O Deus das fés, das crenças, com seu céu – | É absolutamente verdadeiro, | É a realidade, é o creador, | É a Vida e a fonte da Eterna Vida... | Mas nada d’isso é a Verdade real... | E o proprio tem seu mysterio, e pesa | Sobre o que n’elle seja o Pensamento | O mesmo Enigma que sobre nós pesa... | Elle é sim, infinito e verdadeiro, | Elle sim o eterno creador” (p. 183).

Importa mencionar ainda, brevemente, a proximidade entre alguns textos de *Fausto* e alguns dos mais icónicos poemas do ortónimo e dos heterónimos. O poema 17 poderia facilmente ser lido em proximidade com poemas do ortónimo como o célebre “A Ceifeira”, tratando precisamente o mesmo contraponto entre o sujeito esmagado pela sua híper lucidez e a entrega despreocupada dos homens simples ao seu trabalho quotidiano: “Ao ver vosso dançar, ouvindo | Vossas cantigas | Sobem em mim um amargor que me estonteia | E me faz odiar e desejar. [...] | Tendes razão — se tendes! - | Vem a morte e nos leva, e a vossa vida | Envolvida em inconsciencias fundas | Foi contudo feliz, enquanto a minha... | Que

dizer d'ella?" (p. 65). Por seu lado, os textos 85 e 90, por exemplo, poderiam perfeitamente pertencer a Álvaro de Campos ou servir de ponto de partida para algumas das manifestações apofáticas de Caeiro, respectivamente. Em 85, "Monologo á noite" (datado de 1912-1913, momento em que o projecto heteronímico já se encontrava em vias de despontar) é difícil não ver uma antecipação dos excertos dos "Dois Excertos de Odes": "Toma-me, ó noite enorme, e faz-me parte | Do teu frio e da tua solidão, | Consubstancia-me com os teus gestos | Parados, de silêncio e de incerteza, | Casa-me no teu sentido de | E annullamento... Que eu me torne parte | Das raízes nocturnas e dos ramos | Que se agitam ao luar... Seja eu p'ra sempre | Uma paisagem numa encosta em ti..." (p. 189). O poema 90, por seu lado, é contemporâneo da mitologia do dia triunfal e poderia servir de suporte ao comentário do poema XXXIX de "O Guardador de Rebanhos": "O mysterio supremo do Universo, | O unico mysterio, tudo e em tudo | É haver um mysterio do universo, | É haver o universo, qualquer cousa, | É haver haver." (p. 202).

Esta questão, de resto, torna particularmente significativos os desafios hermenêuticos resultantes da leitura da secção de anexos, na qual Carlos Pittella reuniu não apenas documentos de enquadramento do *Fausto* – por exemplo os projectos e listas nos quais Pessoa delineia os seus propósitos fundamentais, num gesto obsessivo que leva a questionar, com Christopher Damien Aurette ("Em torno do inacabado e do infinito: A hipótese prometeica de Fernando Pessoa"), se esta componente não constitui também uma peça do complexo enredo de ficcionalidade (s) construído por Pessoa ao longo de décadas – mas também textos potencialmente pertencentes ao *corpus* fáustico, classificados de acordo com o grau de certeza das atribuições e segundo a formulação recorrente nas edições críticas de Pessoa. Se no primeiro conjunto – "Clearly Fausto" – podem discutir-se os critérios do editor, baseados na sua apurada descrição da métrica adoptada por Pessoa nos textos do *Fausto*, o que leva à leitura de alguns poemas relativamente acabados e significativos como fragmentos, no sentido mais imediato do termo, os outros conjuntos conduzem a interrogações de outra natureza.

De facto, em "Maybe Fausto", encontram-se reunidos alguns textos nos quais se menciona explicitamente a figura de Fausto, cabendo ao editor a dúvida quanto à pertença a este projecto ou a outro no qual a figura do aventureiro dilacerado pelo conhecimento poderia ter marcado presença. Em "Maybe Non Fausto", é a não atribuição dos textos, apesar da proximidade temática e do recurso à métrica aparentemente escolhida exclusivamente para este projecto, que leva a excluir por agora um conjunto de textos anteriormente publicados como pertencentes a *Fausto* e a Ricardo Reis, cuja métrica se aproxima da utilizada por Pessoa nos fragmentos fáusticos. A nosso ver, enquanto leitores da edição em apreço, estes textos são de suma importância, permitindo iluminar mais adequadamente o sentido de alguns textos claramente atribuídos por Pessoa a este

conjunto mas que, não o tendo sido, poderiam ser considerados poemas autónomos. Ora, em “Maybe Fausto” o recurso obsessivo a temas afins a outros textos nos quais só essa atribuição permite considerar sem dúvida nenhuma como integrando o *Fausto*, dado que não existe nenhuma didascália ou indicação explícita de qualquer das personagens da peça. Por seu lado, em “Maybe Non Fausto”, o problema mantém-se de um ângulo distinto: as temáticas aproximam-se, tal como a ausência de elementos específicos que apontem para uma atribuição inequívoca, se não contarmos com a deliberada vontade do autor em classificar o fragmento como parte do *Fausto*. Concluimos, portanto, com o exemplo de um poema que poderia considerar-se uma exemplar síntese das cisões tipicamente pessoanas, funcionando de pleno direito como uma parcela autónoma cujo significado não carece de qualquer projecto específico e, por isso mesmo, tornando indiscutível a importância que Pessoa conferiu ao Fausto, capaz de reunir textos da magnitude deste (p. 125):

Tudo é mysterio e o mysterio é tudo.

Tudo é mais que illusão; o proprio sonho
Do universo transcende-se a si-mesmo
E a compreensão, ao penetrar
Ecuramente a essencia da illusão
Fica sempre aquém mesmo de ver bem
O quanto tudo é illusão o sonho
E quanto o proprio pensamento fundo
Se illude na desillusão fallaz
E no desilludir-se d’elle mesmo.

RUI SOUSA (1985–) concluiu Licenciatura em Estudos Portugueses e Mestrado em Estudos Românicos – Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea – pela FLUL, tendo também concluído recentemente Doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura pela mesma universidade, com uma tese dedicada ao conceito de Libertino em Luiz Pacheco. Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL). Publicou ensaios sobre Fernando Pessoa, Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens na antologia *1915 – O Ano do Orpheu*, coordenada por Steffen Dix, e em números recentes da *Pessoa Plural*. Colabora no projeto do CLEPUL dedicado ao estudo da Cultura Negativa, nomeadamente no *Dicionário dos Antis* (2018). Coordenou um livro dedicado ao período entre 1912 e 2012 na Literatura Portuguesa, *A Dinâmica dos Olhares – Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal*, em parceria com Ernesto Rodrigues (2017). Coordenou a preparação dos Congressos Internacionais *Portugal no tempo de Fialho de Almeida* (2011) e *Surrealismo(s) em Portugal – nos 60 anos da morte de António Maria Lisboa* (2013). Fez parte da Comissão Organizadora do Congresso *Orpheu 100* (2015).

RUI SOUSA (1985–) graduated in Portuguese Studies and obtained a Master's degree in Romanic Studies—Modern and Contemporary Portuguese Literature—from the Faculty of Letters of the University of Lisbon. He recently obtained his PhD, with a dissertation dedicated to the concept of libertine in Luiz Pacheco. He is a researcher of the Centre for Lusophone and European Literatures and Cultures at the Faculty of Letters of the University of Lisbon (CLEPUL). He has published essays on Ronald de Carvalho and Eduardo Guimaraens, in *Pessoa Plural* and in the anthology *1915—The Year of Orpheu* (2015), coordinated by Steffen Dix. He collaborates in a CLEPUL project dedicated to the study of Negative Culture, namely in the *Dictionary of Antis* (2018). He organized, with Ernesto Rodrigues, an anthology devoted to the period 1912-2012 in Portuguese Literature: *A Dinâmica dos Olhares—Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal* (2017). He also organized the International Congresses *Portugal no Tempo de Fialho de Almeida* (2011) and *Surrealismo(s) em Portugal—Nos 60 anos da morte de António Maria Lisboa* (2013). Sousa also took part in organizing the *Orpheu 100* Congress (2015).